



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

## **FORMANDO LEITORES: UMA ANÁLISE DO VÍDEO *VIDA MARIA* E DO LIVRO INFANTO-JUVENIL *A MENINA QUE VEIO DE LONGE* COMO MEDIADORES DO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA**

**Marlise Buchweitz Klug, UFPel**

**Rosimeire Simões de Lima, UFPel**

**RESUMO:** Através de um trabalho com o livro infanto-juvenil da autora Andréa Ilha e do vídeo *Vida Maria* buscou-se um trabalho em sala de aula a partir do qual fosse possível estimular no aluno o gosto pela leitura e o prazer em escrever a partir de histórias que de alguma forma fizessem sentido no contexto deles. Assim, fazendo com que cada aluno não só lesse mas associasse sua história de vida com aquilo que o texto literário e a linguagem imagética pudessem lhe provocar, criaram-se blogs, textos, livros virtuais, e diferentes trabalhos de arte que expressaram memórias, sentimentos, sonhos e sofrimentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** leitura, vídeo, escrita, memória.

### **INTRODUÇÃO**

Com um pensamento de que enquanto estivermos atuando em sala de aula a leitura estará atrelada à nossa vida e a de nossos alunos consequentemente. Nossa prática docente não existe sem a leitura. Alguns alunos saem de casa às cinco horas da manhã e retornam a noite. Chegam a casa e possuem pouco tempo para chegar à escola. São exemplos para outros jovens e adultos que estão na mesma situação: simplesmente ser o aceno de um novo modo de inserção na comunidade e na família. O momento mais delicado por assim dizer surge quando lhes é solicitado que leiam livros. Além de um ou outro livro para leitura obrigatória escolhido pelo professor, sempre se deixa claro que os livros podem ser da literatura infanto-juvenil, romance, espírita ou algo que seja do interesse, pois o trabalho com a leitura possui o firme objetivo de inseri-los em outros contextos, outra interlocução e um novo sentido faz-se necessário – papel da escola oportunizar.

A partir dessa visão, escolheu-se trabalhar a leitura em sala de aula. Para tanto, o referencial foi o livro infanto-juvenil *A menina que veio de longe* da autora Andréa Ilha, e o vídeo *Vida Maria*, num intuito de relacionar literatura e linguagem imagética a fim



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

de refletir através da leitura e posteriormente da escrita numa análise intertextual e comparativa.

O livro conta a história da menina Dulce, uma estudante de doze anos que precisa lidar com muitas questões desafiadoras e tristes em sua vida: mudanças – de uma cidade para outra –, despedidas – dos amigos que tanto amava e que ficam para trás quando os pais decidem mudar-se –, abandono por parte dos pais – pois estes escolhem ir morar em outro país e deixam-na aos cuidados da avó –, convivência com pessoas até então desconhecidas – Dulce cresce na cidade de Belo Horizonte e pouco contato têm com a família da mãe que mora em Porto Alegre, mas esse contato é intensificado de forma abrupta quando os pais decidem primeiro mudar para a cidade sulina e depois deixar a menina com a avó quando vão trabalhar no Canadá – e, finalmente, o fato de ficar órfã, já que os pais eram usuários de álcool e por este motivo sofrem um acidente de trânsito fatal.

Dulce tinha sempre consigo a companhia de um diário e de muitos livros. Usava suas memórias para contar sobre si e sobre seus conflitos, além de fazer da leitura um hábito e um aliado para lidar melhor com os problemas da vida. No momento do ingresso na nova escola numa cidade diferente e bem distante da dela, ao enfrentar o desafio de ingressar no meio do ano, ela buscou exemplos nos livros para tentar agir o mais naturalmente possível:

[...] sempre que lia, quando era menor, algum livro em que tinha uma aluna ou um aluno que recém chegasse na escola, essa pessoa era linda. Além de linda, parecia sempre que esse novo estudante estava muito tranquilo, enquanto todos olhavam encantados para ele [...]. Mas a vida não é uma obra de ficção, então nem tudo o que acontece nos livros acontece na vida real [...] Dulce se viu plantada na frente de toda a turma, sozinha, assustada (Ilha, 2012, pp. 14-15).

Assim, com a ideia de que tudo daria certo – mesmo que o resultado não foi o esperado – pode-se dizer que ela não sofreu com a expectativa do momento. Buscou nas



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

suas leituras um alento e conseguiu enfrentar de frente o desconhecido. Ler também se revelou um conforto quando perde os pais:

[...] terminei de ler “A corda bamba”. Querido diário, que história mais triste! Chorei muito, até não poder mais. Claro, nada mais natural, né?! A menina não tem os pais, tipo eu. Seus pais não foram muito responsáveis, na minha opinião, e eu acho que os meus também não. Chorei muito, mesmo. Foi horrível, mas o livro é lindo (Ilha, 2012, p. 73).

A leitura é para Dulce como uma companhia em todos os momentos de sua vida. Suas memórias são consolidadas também a partir daquilo que ela lê. Pensando que “recordar é configurar para o presente um acontecimento do passado e criar uma estratégia para o futuro” (Candau, 2006), pode-se dizer que Dulce recordava seu passado num misto de fatos vividos com sensações sentidas através das leituras que fazia e, assim, articulava maneiras de conviver com as situações dolorosas através de estratégias – a saber, o contato com o lido, e a escritura no diário.

Seguindo-se essa ideia, permite-se ao aluno pensar sua realidade, sentir-se acolhido e possibilitar-lhe aprender a lidar mais tranquilamente com os problemas que lhe afligem, através da literatura. Antônio Cândido afirma que “a literatura (...) é um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre” (1965, p. 24). Parafraseando Cândido podemos dizer que o leitor também é um produto social e que este exprime a realidade de seu tempo. A relação do leitor com o texto impresso, e, antes deste, com o texto oral, mostra a relação dialética que existe entre ambos. Se por um lado a literatura influencia a sociedade – aqui entendida como uma representação coletiva do leitor como indivíduo – é válido dizer que esta, por sua vez, também influencia fortemente o processo de criação literária e produção de sentido do texto.

Compara-se ao que pensamos fazer o que lemos no poema “Descoberta da Literatura” de João Cabral de Melo Neto. Nele percebemos o quanto descobrir a literatura pode transformar a vida das pessoas, mesmo que, à princípio, inconscientemente. No poema, o filho do patrão fazia a leitura de textos para os trabalhadores do engenho às escondidas, pois essa prática não era permitida pelo dono



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

do local. Assim, enquanto aos trabalhadores a leitura era lazer, aos patrões podia ser definida como conspiração; para aqueles uma forma de libertação, para estes uma ameaça à ordem estabelecida. Sabemos, entretanto, que a descoberta da literatura é, de fato, algo transformador, capaz de confrontar a realidade e o imaginário, o local e o universal.

Juntamente com o texto literário, levar outras linguagens para a sala de aula configura-se num aspecto cada vez mais importante mediante tantos recursos disponíveis e em face ao contexto que o aluno tem fora da sala de aula. Assim, buscou-se fazer uma relação entre *A menina que veio de longe* e o vídeo *Vida Maria*. O texto imagético nos traz a história de várias Marias, de geração em geração, cada uma vivendo o mesmo ciclo da anterior, ou seja, de sua mãe. Maria menina é sonhadora e passa os dias a rabiscar seu nome nas folhas de um caderno enquanto sua mãe faz a lida da casa e cuida dos filhos. Maria mulher repete a vida de sua mãe enquanto vê a filha a rabiscar o nome das folhas de um caderno e olhar sonhadora para o infinito com a esperança de aprender a ler. E assim é a vida de todas as filhas dessas mães, todas elas Marias, vivendo a dura realidade que a vida lhes impõe no sertão do Brasil.

Enquanto Dulce é rodeada de livros e tem neles os aliados para lidar com suas angústias, as Marias apenas sonham em conseguir realizar a descoberta da escrita e da leitura. A partir de realidades tão distintas, o professor precisa de alguma forma estimular seu aluno a descobrir ou simplesmente ampliar o prazer de ler e de escrever como maneira de realmente transformar sua vida.

Ressalta-se que a leitura é uma atividade complexa, plural, um ato concreto de entendimento, reflexão, identificação e de interação, de deslocamento. No texto “A atividade da leitura e o desenvolvimento das crianças”, Ana Luiza Smolka (1989, p. 24), ocupada da aquisição da escrita e da leitura por parte das crianças, afirma que a leitura é um “processo de interlocução, delineada pela atividade discursiva, fundada em, e constitutiva das interações sociais”. Assim, esse processo de leitura foi-se constituindo aos poucos, intermediada pelas discussões em sala de aula e pelas produções imagéticas e escritas do livro, as quais possibilitaram contribuições dos colegas e permitiram ampliação das reflexões no grupo a partir dos depoimentos particulares.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

## METODOLOGIA

O objetivo inicial era ler a obra e escrever um texto sobre as impressões, sensações ou simplesmente o que desejasse abordar na escrita. A sugestão era que os alunos tentassem estabelecer uma relação entre o livro e a vida deles. Se por ventura não encontrassem nenhum item, o encaminhamento seria que escrevessem as diferenças e não as semelhanças. Os textos que foram publicados no blog – tarefa realizada conforme os textos individuais foram sendo escritos – apresentaram sempre o mote familiar que no caso é o apresentado no livro. Foi instigante ler cada texto. Observar o que cada aluno desejava apresentar. Cada um a seu modo, com suas limitações na escrita e suas potencialidades. O grande diferencial dessa atividade pode ser considerado como a inovação de escrever para compartilhar com os colegas e com a autora. A motivação de cuidar as palavras, escolher o que colocar para não ficar muito exposto em relação a problemas pessoais exigiu um cuidado e um olhar mais atento ao que se desejava publicar. O segundo item do trabalho era fazer relação entre a história da personagem Dulcinéia e das personagens Marias com a própria vida ou vivências. Alguns alunos (as) alegavam que não tinham nenhuma semelhança. Atitude de negação, muito comum quando se refere à escrita.

Deste modo, sempre se destacava que pensasse melhor, revisse a caminhada da personagem e aos poucos surgia o texto. Outros relataram que se sensibilizaram com a vida sofrida e os mecanismos de defesa da menina /personagem que se refugiava nas leituras, para enfrentar as agruras de uma vida. É relevante citar um dos achados do trabalho foi a aproximação que os alunos fizeram com a própria vida. Descobrimos através dos relatos presentes no blog que muitos alunos sofreram bullying, passaram por problemas familiares, como, por exemplo, separação. Embora a maioria dos alunos da comunidade viva com as famílias e convivam com o pai e a mãe. Temos no blog algumas curiosidades também relativas à personalidade dos alunos, facilmente percebidas. Tiveram que escolher uma fotografia para ilustrar o perfil, bem como um pequeno texto para descrevê-los – atividade que requer seriedade.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

A viagem pelas páginas do livro trouxe uma retomada a introspecção, ao aceitar o desafio da leitura e posteriormente relacionar como a atividade permitiu dar visibilidade e voz aos jovens que sentiram as angústias vividas pela personagem e se reconhecerem protagonistas de suas próprias histórias. Utilizaram suas trajetórias como caminho para a escrita e o livro como mote. Mesclaram suas memórias escolares, mudanças de escola, problemas vividos com amigos e outros inúmeros espaços existentes entre autor, personagem, situações que são comuns no cotidiano das pessoas – comparação que se faz em relação a outras vivências.

Em época de redes sociais, todos são envolvidos com a troca de mensagens, conversas, quando param para ler e enveredar pelo universo das folhas de papel de um livro o resultado pode ser imprevisível. Ao debruçarem-se sobre o livro, os alunos acompanharam a trajetória da menina Dulce e articularam suas vidas a fatos da vida dela a fim de produzirem textos escritos com temas que tivessem alguma relação com os temas do livro: mudanças, perdas, amizade, família, trajetória escolar, depressão, leitura, entre outros que surgiram sem que imaginássemos. Fazendo essa relação, os alunos manifestaram sentimentos e emoções para alguns guardados, para outros apenas lembrados, mas ativaram através da memória suas histórias, suas particularidades e puderam de alguma forma lidar com elas ao ter o aval ou a descoberta da vivência compartilhada na leitura feita.

Nossos alunos, então, ao rememorarem suas vivências e trajetórias às vezes tão tristes quanto as da menina Dulce e das Marias, criaram estratégias para lidar com elas ao tornarem-se escritores para leitores reais – a própria autora do livro que leu o blog com os textos e os colegas.

## RESULTADOS

Os alunos começaram a ler e assim que terminaram foi-lhes solicitado que escrevessem algo. A primeira produção foi a seguinte:

Para todos que vieram de longe [...] É certo que todos nós temos em um dado momento da vida, passar por mudanças. Algumas constantes, outras mais pacatas, porém estão sempre ali ao lado



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

esperando o tempo certo para a sua apresentação, mas qual será esse o tal "tempo certo"... Muitas vezes o inesperado brilha, e tudo então parece estar perdido. Angústia e medo são apenas o princípio dos sentimentos que afloram, o que não se pode, é deixar prender a sensação de destruição. [...] Mas e o tempo... Bom, esse cada um possui o seu, tudo tem a sua hora para acontecer e de certa forma motivos para existir, alguns até podemos entender, outros como a dor da perda são exclusivos ao nosso entendimento, e ficarão marcados para todo sempre em nossa memória. [...] Lembremos que assim como a pequena Dulce, personagem do livro "A Menina que Veio de Longe", mesmo em meio a tantas mágoas e decepções nunca se deixou cair, devemos perante as transformações buscar forças para seguirmos adiante, não é nada fácil, porém chorar já nascemos sabendo, temos que aprender então a sorrir. [...] Tomemos como exemplo a ser seguido o hábito de ler. A leitura enriquece, abre as portas para o universo vasto do conhecimento e da imaginação, nos proporcionando viajar, sonhar e quem sabe nesse mundo encontrar um pouco de consolo e algumas respostas para o que se está vivenciando. [...] Assim conclui-se, que o "longe" é riqueza, experiência...que há sempre aquele que é o nosso lugar, embora com o alçar do voo ali teremos nossas raízes, lembranças de conquistas e derrotas, talvez até mais derrotas, mas já foi dito que nem tudo está perdido. Metamorfoses, sublime arte de viver, e crescer. Afinal é vida que segue. (Patricia Quintana de Moura)

Umberto Eco nos diz que o texto “é uma máquina preguiçosa que pede ao leitor para fazer parte de seu trabalho” (1989, p.55). Se compreendermos assim a atividade do leitor, como um trabalho, paciente e exigente, com peculiaridades e dependente de uma



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

manufatura pessoal que é justamente a leitura, como sugere Simone Weil, conseguimos entender esse processo longo que buscamos desenvolver dentro das salas de aula.

Além dos escritos, a visita da autora foi um momento de profunda alegria para os alunos. Foi possível observar rostos alegres e surpresos com o contato direto com a autora – algo à princípio inimaginável já que parece estarmos tão longe geograficamente do saber que se movimenta. Andréa Ilha trouxe músicas que traduziam algumas partes do livro e, num exercício de interação com seus leitores, conseguiu transmitir para todos o quanto está ocupada do processo de escritura e da influência que sua escrita provoca naqueles que leem sua história.

Na figura 1, podemos observar um momento em que a autora cantava uma de suas músicas:



Pode-se dizer que a leitura possibilitou reflexões, introspecções e compartilhamento com o grupo de colegas e professores. Com essa iniciativa, percebe-se que vão aparecendo leitores submersos que nunca tiveram a oportunidade de cruzarem suas vidas com um livro, de dispensarem alguns minutos de vida com um objeto desconhecido até então. A partir do primeiro livro afirmam a importância da leitura e da interação do aluno com o meio. Não somente pelo ato de ler, mas pelas implicações de ordem de crescimento intelectual, visão de mundo, das relações que os cercam, uma noção a mais da realidade da qual fazem parte. Passam a entender que não são somente expectadores, mas sujeitos de suas vidas. Como um monólogo inicial do



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

livro percebe-se que com este leitor ainda não seduzido pelo enredo nasce uma dupla livro/leitor cujas longas viagens de ônibus pelas estradas do interior passam a ter e a ler outros significados e significâncias.

Em Vida Maria, a oportunidade de conhecer o olhar dos alunos a respeito do analfabetismo, exclusão, violência em relação a crianças, controle de natalidade, ausência de perspectivas de futura e outras inúmeras ausências trouxe diversas reflexões. Ao relacionar com as mulheres de suas vidas, no caso: avós, mães, tias, irmãs, enfim as mulheres que tiveram contato até o momento, ou seja, mulheres que fazem parte de seu entorno, seu cotidiano ou de suas relações familiares. O texto que segue aborda o olhar de um aluno do primeiro ano:

”Sem dúvida o vídeo que conta a história da Vida Maria está relatando os acontecimentos em uma família muito sofrida, passando trabalho no sertão com seus filhos. As crianças carregando água do poço que no final foi passando de pai para filhos. [...] Por incrível que pareça os meus antepassados passaram um pouco de trabalho, porque não tinham muita opção de serviços. Não tinham estudo, o máximo que aprendiam era escrever o próprio nome. Os pais não deixavam estudar, era só trabalhar, ir para as lavouras, plantar, capinar, carregar lenha. Era mais ou menos isso no passado. [...] Finalizando, no vídeo os costumes iam passando de geração em geração porque tinham que se defender com as armas que tinham como diz o ditado. Nos dias de hoje está mudado, a maioria das pessoas não seguem a mesma trajetória de seus antepassados, tem muita opção de seguir a vida, não podemos desistir de nossos sonhos. [...] Minha vida não é vida Maria porque tenho um pouco de estudo, não tenho filhos, por enquanto né, não passei nem metade que meus pais passaram, eu não considero que passou de geração em geração. (Joel Camargo)



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

## CONCLUSÃO

A experiência de trabalhar em sala com dois recursos diferentes um livro e um vídeo e as atividades que originaram desta dinâmica podem ser consideradas positivas. Os resultados permitiram fazer com que os alunos pensassem a respeito de dois assuntos que se desmembraram em diversos prismas. O que pode ser considerado mais significativo é o olhar para a própria vida. A apropriação da leitura e a reflexão de algum aspecto no processo de alfabetização ou escolarização da família.

O encantamento do filme Vida Maria pode estar na simplicidade e ao mesmo tempo na singular vida das personagens. Singular, modo de dizer, plural seria o correto, pois são vidas que aleatoriamente surgem e extinguem-se nas escolas, nas vidas e nas vidas das protagonistas.

Ao longo da exibição podemos observar a cronologia dos fatos com a infância retratada pela Maria na janela desenhando nome. Uma infância de ausências. Ausências de brinquedos, cores, mas não deixa de ser uma infância. Entre um afazer e outro surge o momento fugaz em que pega o caderno e se transporta para outro lugar: o mundo das letras. Um mundo de curiosidades nos olhos, uma vastidão de experiências pela frente quando a mãe de Maria de Lurdes, lembrando já foi uma Maria também irrompe aquele terno espaço de tempo e a arranca literalmente da tentativa de inserção no universo da escrita. Maria no conforto do parapeito da janela ajoelhada no banco se olhar para a sua frente terá o horizonte enquanto que o papel lhe resgata a atenção para outra possibilidade. No momento em que é advertida por sua mãe abandona o caderno, com destreza sai correndo para cumprir as tarefas do dia que não terão fim em sua vida, apenas uma continuação. É preciso tratar os bichos, tirar a água do poço, e outros tantos precisos no cotidiano da pequena Maria que já abdicou do lápis e corre porque a mãe não poder esperar e ela não pode permitir o luxo de ficar desenhando o nome.

Talvez um pouco arraigada a cultura nordestina como poderia ser outra, quando pedem a bênção dos pais e mais velhos, o tratamento de senhora ou senhor, o delicado afã de uma obediência cega, sem questionamentos. A imposição nos olhos da mãe da amargura dos anos, a tristeza das agruras já impregnadas na retina olha para a filha com



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

o rancor de quem está desperdiçando tempo e talvez sua memória capture o momento em que também ajoelhou no mesmo banco e desenhou no parapeito da janela seu nome. A reprodução do que fazemos muitas vezes está intrínseca e sem pensar repetimos os mesmos conceitos e modos de fazer como se fossem os únicos e aceitamos os rótulos como se estivessem corretos. Não permitimos ousar não aceitamos o desafio do novo.

O ganho mais inusitado ou importante em relação ao vídeo foi que a grande maioria dos alunos pensaram sobre o passado dos pais e olharam o presente e as oportunidades que não podem ou não deveriam ser desperdiçadas. O olhar nem que seja por um momento da importância de não viver uma Vida Maria. Viver o protagonismo de uma nova vida, com os recursos tecnológicos outrora impensados. Por outro lado, em A menina que veio de longe, eles puderam comparar e ver que nem tudo é tão fácil na vida, mesmo com mudanças podemos sofrer, amadurecer, crescer e valorizar o que ficam destas experiências que aparecem em nossa vida. Os jovens também podem emitir seus pareceres, escrever relatos e entender situações adversas. A escola, os professores podem cair no senso comum de minimizar esse olhares ou mesmo não lhe atribuírem significado e importância. Precisamos pensar que a adolescência é um momento de aprendizado e serve como oficina para a vida adulta.

Assim, através dessas leituras e das memórias que cada aluno trouxe para a sala de aula pode-se dizer que cada um deles escreve a partir daí uma nova história reflexiva e mais madura sobre sua vida e seus sonhos, já que puderam buscar na palavra lida e escrita uma forma de lidar diferentemente com seus problemas e anseios.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de.; BORDINI, Maria da Glória. Literatura: a formação do leitor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CANDAU, Joël. Antropologia de la memoria. Buenos Aires: Nueva Visión, 2006.

CAMARGO, Joel. Sobre Vida Maria. Texto inédito do aluno de 1º ano da Escola Carmosina. Piratini/RS, 2013.

ECO, Umberto. Sobre os Espelhos e Outros Ensaios. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1989.



# VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA  
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL  
30 de julho a 01 de agosto de 2014

GERALDI, J. W. O texto na sala de aula: prática da leitura de textos na escola. 2<sup>a</sup> ed, Cascavel: Assoeste, 1984.

ILHA, Andréa. A Menina que veio de longe. São Paulo: All Print Editora, 2012.

JOUVE, Vincent. A Leitura. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

KLEIMAN, C. Oficina de Leitura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MOURA, Patrícia Quintana. Para todos que vieram de longe. 2013. In: <http://alunosealeitura.blogspot.com.br/>

NETO, João Cabral de Melo. A descoberta da Literatura. Disponível em <<http://leaoramos.blogspot.com.br/2008/03/joo-cabral-de-melo-descobriu-literatura.html>> Acesso em 30 out 2013.

RAMOS, Márcio. Vida Maria. Curta-metragem. 3 D. 35 mm. 8 min 34 s. 2006.